

OBELISCOS AMERICANOS: POLÊMICOS DA GÊNESE À FORMA

Margaret M. Bakos*

Márcia Raquel de Brito

Bartira Machado da Silva

No número 8, da Revista *Phoînix*, de 2002, divulgamos um projeto integrado de pesquisa, aprovada pelo CNPq, denominado *Egiptomânia no Brasil*, cuja temática central é a reutilização de motivos do antigo Egito na criação de objetos, elementos decorativos, arquitetônicos e logotipos contemporâneos. Aquela investigação, além do achado e sistematização de dados no País, dos séculos XVII à atualidade, ensejou alguns questionamentos, especialmente de cunho teórico-metodológicos, sobre como interpretar as peculiaridades dessas apropriações, no continente americano.

Nesta nota de pesquisa, divulgamos um desses desdobramentos, a partir da pesquisa inicial, que levou à formulação de um subprojeto com vistas a realizar uma análise comparativa entre os significados de quatro obeliscos erigidos no continente americano. Os quatro monumentos escolhidos, apontados pela ordem cronológica de construção, situam-se em capitais metropolitanas: o *obelisco em honra a George Washington*, na capital dos Estados Unidos (1885); o *Obelisco Mausoléu ao Soldado Constitucionalista*, em São Paulo (1933); o *obelisco comemorativo a primeira fundação da cidade de Buenos Aires*, na capital da Argentina (1936) e o *Obelisco de Ipanema* na cidade do Rio de Janeiro (1996).

* Professora adjunto da PUCRS (Margareth M. Barros) e orientandas.

O projeto parte de uma indagação: como entender a apropriação dos obeliscos egípcios no continente americano na modernidade? E de uma constatação: os quatro obeliscos escolhidos têm como elo de ligação, entre eles, o fato de terem gerado polêmicas, envolvendo desde os idealizadores, e os órgãos públicos a significativas parcelas da comunidade local, quanto à sua forma, gênese e/ou a ligação com episódios específicos ao longo de suas existências.

Para melhor situar a problemática deste projeto importa informar ainda alguns dos *nós* encontrados, no decorrer da pesquisa *Egiptomania*, que buscava desenrolar a meada que ligou, há séculos, as civilizações antigas ao novo continente, fato que foi dificultado, principalmente, pela inexistência de qualquer estudo anterior sobre o tema. Entretanto, dentre os *nós* mais surpreendentes e difíceis de desmanchar nesse enredo, que relaciona aspectos da antiguidade e usos contemporâneos, está o esquecimento da própria palavra: obelisco, denominação criada pelos gregos para o que os egípcios chamavam de *tekhen*. Este apagamento da palavra do vocabulário coloquial básico das pessoas se estendeu logicamente ao de sua figura e significado, levando as pessoas a não responderem positivamente aos nossos questionários sobre a existência de obeliscos em suas cidades. Tal fato conferiu um caráter *arqueológico* a esta pesquisa. E, conseqüentemente, tornou o processo de análise mais lento na medida em que, a partir literalmente da *descoberta* de um obelisco novo, por exemplo, foi preciso recorrer a fontes de diferentes categorias para se obterem as informações necessárias para datá-lo, valorizá-lo gráfica e esteticamente, permitindo uma melhor compreensão de suas origens e construções em um local específico.

O segundo nó da meada diz então respeito ao próprio significado da construção de um obelisco, ao longo da história, no caso a americana. Este monumento, que tem origens no Egito faraônico, lá simbolizava um raio de sol e era suporte de registros sobre os feitos faraônicos. Admirado, difundido e usado pelos os contemporâneos, ainda na antiguidade, o obelisco egípcio foi pela primeira vez transplantado da terra nilótica para o estrangeiro, pelos assírios, no século VII a.C. para simbolizar o poderio de seus reis. A prática dos monarcas mesopotâmicos foi seguida pelos gregos, romanos e outros povos europeus, especialmente os italianos, franceses e ingleses que, na modernidade, levaram autênticos obeliscos egípcios para os seus países. Na América, essa prática foi diferente, exceto no caso do obelisco de Nova Iorque – *Cleopatra's Needle* – presente do governo egípcio à metrópole norte-ame-

ricana em 1881, todos os obeliscos aqui existentes, tanto quanto se sabe, foram construídos em solo americano com matéria-prima local.

Desde as suas origens, os obeliscos são monumentos que se destinam a transmitir à posteridade a memória de fatos ou pessoas notáveis. Eles exemplificam, como ensina Le Goff, o modo como o aparecimento da escrita está ligado a duas profundas transformações da memória coletiva. A primeira é *a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável*, sob a forma de inscrição. A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente construído para tal fim (Le Goff, J. 1992:435). Tais características dos obeliscos permanecem as mesmas: o que mudou foram as motivações para as construções dos monumentos e, no caso do obelisco do Rio de Janeiro, por exemplo, cujo ápice, em lugar da forma piramidal adota o arredondado, a própria forma. O entendimento dessas diferenças permite fazer a avaliação dos sentidos conferidos aos obeliscos e aos fatos e/ou pessoas que eles visam eternizar, na ótica, e em relação à comunidade participante, questionadora e ativa nos processos de escolha e construção dos entornos simbólicos nos espaços urbanos.

Assim, a partir do princípio de que os obeliscos brasileiros, norte-americano e argentino foram suportes para o registro de fatos históricos e personagens, eles se tornam documentos históricos, pois, como ensina L. Febvre, a história pode-se fazer com *palavras, sinais, paisagens e telhas*. Mais ainda, se concordarmos com a afirmação de Françoise Choay de que o essencial em um monumento é a natureza afetiva do seu significado, a existência de um obelisco transcende a passagem da simples informação nele contida, pois ela traz à memória dados neutros sobre o fato/personagem homenageado através das emoções ou seja da vivência da memória pelos idealizadores, construtores e pelos observadores, que, de outra forma, seriam irrecuperáveis.

Nesse sentido, com o estudo de obeliscos, podemos recompor, também a partir de outras características – tamanho, material, inscrições e datas –, a história das localidades em que se encontram e o imaginário coletivo que tornou possível sua gestação. São monumentos erigidos para uma comunidade de indivíduos a fim de comemorar ou relembrar às futuras gerações, como aponta Choay, *eventos, sacrifícios, práticas e crenças*.

Por outro lado, a proposta de considerar também as polêmicas criadas em torno dos obeliscos no continente americano na busca de compreender e sistematizar suas histórias assinala um aspecto dos fenôme-

nos de transculturações da modernidade: a modificação do modelo egípcio antigo de obelisco para dar origem a algo de novo. Entender aspectos específicos e gerais da construção de cada um dos obeliscos opera como auxílio na compreensão das “causas” e “origens” dos fenômenos de construções de obeliscos brasileiros em um espaço – o americano – tão distante do Egito antigo – em um tempo – a modernidade –, há milhares de anos dos obeliscos originais.

Finalmente, o terceiro nó a ser desenrolado por este projeto concerne ao desenvolvimento e aplicação de uma metodologia que possibilite a análise comparativa dos quatro obeliscos escolhidos de forma a distinguir os aspectos genéricos dos específicos presentes no histórico de todos eles. A proposta de comparação exige que se considerem as várias modalidades de observação e de investigação dos fenômenos sociais, incentivam que o problema de pesquisa selecionado seja examinado sob diversos ângulos pela equipe de pesquisadores. Essa abordagem, que leva à rejeição de princípios de univocidade, permitirá, além da análise dos quatro obeliscos, a criação de um espaço de debate entre os pesquisadores da equipe para o melhor entendimento das diferenças encontradas em outras variáveis da pesquisa, como, por exemplo, em termos numéricos sobre os obeliscos no Brasil, o resultado que situa a concentração de cerca de 50% do total de obeliscos nacionais no Rio Grande do Sul.

Para o desenvolvimento desta metodologia de pesquisa buscamos o auxílio de Neyde Theml e Regina Bustamente (2003: 19), autoras que, à luz do Modelo de Vernant & Detienne, sugeriram uma abordagem comparativa operacionável em três etapas:

- 1) Construção de objetos de pesquisa pelos projetos individuais de cada membro da equipe sobre cada um dos obeliscos;
- 2) Construção de conjuntos de problemas capazes de circular entre todos, de serem inteligíveis a todos de uma forma inequívoca;
- 3) Criação de um campo de exercício de experimentação comparada, que expressa uma atividade regular de debates entre os pesquisadores na qual se apresentam os resultados das pesquisas individuais.

O impacto desta pesquisa, desafiada a meada, dar-ser-á em dois níveis. De um lado, ela vai contribuir à formação de uma consciência de valorização do mobiliário urbano brasileiro, parte valiosa do patrimônio histórico, des-

cuidado e dilapidado atualmente. A investigação vai ainda, nesse mesmo sentido, contribuir para a valorização dos obeliscos americanos em sua condição de suportes e guardiões de uma memória coletiva. De outro, a pesquisa será significativa à construção da história da egiptomania no novo mundo, pela sua abordagem peculiar, atenta ao fenômeno do transculturalismo, pensando a diversidade e o contato com e entre múltiplas culturas no espaço do Novo Mundo.

Referências Bibliográficas

- BERND, Z. (org.) *Americanidade*. Porto Alegre, Movimento, 2003.
- CHOAY, F. *The invention of the historic monument*. Cambridge, Ithaca College.
- GOFF, J. *História e memória*. Unicamp, Edit. da Unicamp, 1992.
- THEML, N. & BUSTAMANTE, R. *História comparada: olhares plurais. Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXIX, n° 2, pp. 7-22, dezembro 2003.